

O cenário educacional brasileiro



Thiago Chaer
Head de Experiências Digitais de Aprendizagem na TecTrain. Empreendedor educacional, palestrante, mentor de startups, membro da Comissão Especial de Educação Digital da OAB e do Comitê de EdTech na Abstartups

O Brasil é um País que atrai interesses em todos os aspectos: social, econômico, ambiental, político, educacional, cultural e de saúde. Segundo o Índice de Progresso Social 2016, divulgado pela Social Progress Imperative (SPI), que agrega indicadores sociais e ambientais capturando três dimensões do progresso social – as necessidades humanas básicas, os fundamentos de bem-estar e as oportunidades –, o Brasil ocupa a 46ª posição em um ranking com 133 nações, à frente dos países que compõem os Brics. Mesmo ocupando uma posição intermediária, com as devidas ponderações, o Brasil, com uma economia na casa dos trilhões, ainda tem problemas essenciais que precisam evoluir significativamente para avançar de país em desenvolvimento para um país desenvolvido. Se a necessidade é um campo fértil para a criatividade e a inovação, duas estratégias são fundamentais: desenvolvimento do empreendedorismo e fomento à inovação educacional.

A SPI chegou à conclusão de que somente o progresso econômico é insuficiente para o desenvolvimento de uma sociedade. O relatório demonstra que o acúmulo de capital não tem eficácia no combate a problemas complexos e intangíveis como a intolerância e a exclusão social. Por coincidência ou não, os dois são problemas enraizados na cultura brasileira. Complexos de serem desenvolvidos em sala de aula, exigem uma ação sistêmica envolvendo família-escola-sociedade.



Precisamos considerar que esse desafio tem o tamanho de 204 milhões de brasileiros que não compartilham um propósito. Seja por falta de liderança ou de protagonismo, as nossas estatísticas educacionais são reflexo da ausência de um objetivo comum, de um norte para o desenvolvimento pleno da sociedade. A clareza de onde partimos e aonde, como e quando queremos chegar abre precedentes para uma educação sólida, orientada para o interesse das pessoas e da sociedade. No caso da educação, a solução está na atuação ativa e participativa de cada um no próprio processo educacional e no processo educacional de seus filhos e concidadãos.

Atualmente, são mais de 2,8 milhões de crianças e adolescentes, ou 6,2% dos brasileiros entre 4 e 17 anos, fora da escola, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2014; 13 milhões são analfabetos, ou 8,7% da população acima de 15 anos, segundo o Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE); 27% da população acima de 15 anos são analfabetos funcionais, ou seja, aqueles que conhecem apenas letras e números. O Brasil tem o segundo maior número de estudantes com baixa performance em matemática básica, ciências e leitura, em uma lista de 64 países. O País está no "top 10" de países mais desiguais do mundo quanto à diferença de desempenho entre estudantes de classes sociais diferentes (OCDE – *Alunos de baixo desempenho: por que ficam para trás e como ajudá-los?*).

Os resultados internos refletem nas análises externas. Na oitava edição do The Global Innovation Index 2015, que avalia o ambiente de inovação de 141 nações, estamos em 70º lugar. Outro estudo elaborado pela Bloomberg, que leva o mesmo nome, ranqueou 50 países considerados mais inovadores pela instituição, e o Brasil ficou em 47º, à frente apenas de Argentina, África do Sul e Marrocos. A avaliação que mais pesou no ranking do Brasil foi a da educação.

A fórmula é simples: sistema educacional ineficiente prepara uma sociedade para reproduzir um modelo também ineficiente. Por trás da ineficiência do sistema educacional brasileiro, existe uma cultura que permeia as instituições e a formação dos professores e que limita o crescimento do capital intelectual do País e o avanço da inovação. Essa cultura está relacionada a preconceitos (de professores com o nível intelectual do aluno), intolerância e falta de preparo (competências e habilidades) para conduzir um processo de ensino e aprendizagem inovador, criativo e empreendedor. Enquanto em países de primeiro mundo a persistência, a aprendizagem pelo erro e o fomento à criatividade são culturais, por aqui são tópicos para cursos e seminários.

É imperativo o fomento a iniciativas empreendedoras, que contribuam para a melhoria da qualidade da educação.

Frei Betto, em um diálogo com Domenico De Masi (sociólogo italiano), lembra que vivemos uma mudança de época, e não uma época de mudanças. De Masi complementa o diálogo, dizendo que há uma mudança de época quando três inovações coincidem concomitantemente: novas fontes energéticas, novas divisões do trabalho e novas divisões do poder. Eu já havia feito essa citação em um outro artigo aqui na *Revista*, mas achei pertinente revisita-la, pois a perspectiva de uma sociedade em constante e rápida mudança é muito mais concreta do que a miopia de uma realidade imutável.

Encontramos algumas pistas sobre o tamanho do impacto dessa mudança quando levantamos quais serão as profissões do futuro e analisamos como será o futuro da educação. Uma organização chamada Fast Future publicou um estudo intitulado *The Shape of Jobs to Come – Possible New Careers Emerging from Advances in Science and Technology (2010 – 2030)*, no qual listaram as carreiras que poderiam surgir dentro de 20 anos à data do estudo (2010). Entre as futuras carreiras teríamos:

1. Gerente de bem-estar da velhice
2. Especialista em reversão de mudanças climáticas
3. Fazendeiro de cultivos geneticamente modificados e pecuária
4. Desenvolvedor de veículos alternativos
5. Nanomédico
6. Advogado virtual
7. Diretor de melhora da saúde *in company*
8. Analista de reciclagem
9. Analista de rede social
10. Coordenador de processo global de trabalho
11. Especialista em identificação biométrica
12. Engenheiro/Cientista/Designer de vida sintética
13. Encarregado de desperdício de dados
14. Organizador da desordem virtual
15. Especialista em ler mentes

A quinta edição da *Millennial Survey*, um estudo elaborado pela Deloitte, aponta que 68% dos jovens brasileiros esperam deixar seus trabalhos nos próximos quatro anos. Essa mudança no comportamento profissional dos jovens reflete outros estudos que estão relacionados com a incompatibilidade do modelo de trabalho atual e da educação formal. Outras pesquisas mostram que os jovens estão buscando trabalhos que gerem novos aprendizados e sejam guiados por um propósito maior, corroborando o relatório da SPI que concluiu que só o desenvolvimento econômico não é suficiente para o desenvolvimento pleno da sociedade.

Sob o aspecto educacional, muitas perguntas precisarão ser respondidas, como: Quais são as metodologias e tecnologias capazes de formar pessoas para atuar nas profissões do futuro? Quem criará essas soluções? Empresas consolidadas, startups, escolas, governo, fundações ou um conglomerado? Como avaliar competências e habilidades do século XXI, se os instrumentos atuais e os objetivos de aprendizagem são incompatíveis com o futuro? Quanto de investimento é necessário? Quais modelos mentais precisam ser modificados e quais precisam prevalecer? ■

www.tectrain.com.br